



## **Vivo: a história oral como instrumento na construção de um documentário<sup>1</sup>**

Bernardo FRANÇA<sup>2</sup>

Diana COELHO<sup>3</sup>

Maria Ângela PAVAN<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

Este trabalho pretende desenvolver uma reflexão do método de captação de história oral através do vídeo. O documentário Vivo é uma produção que retrata a história de vida e o processo de envelhecimento da sociedade, ilustrados com depoimentos dos idosos e conectados através de uma narrativa ficcional. A primeira idéia do trabalho era deixar com que as pessoas conduzissem suas histórias de vida, para posterior encadeamento de depoimentos. A intenção na construção de Vivo é mostrar o que foi denotado na experiência cotidiana nos asilos de Natal e Macaíba. Envelhecer não é uma jornada solitária a caminho da morte, mas a possibilidade de vivenciar novas experiências, compartilhando aprendizados passados e fornecendo suas próprias perspectivas sobre as mudanças de nossa sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; entrevistas; envelhecimento; idosos; histórias de vida.

### **INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas, diversas pesquisas vêm sendo realizadas a fim de demonstrar mudanças na dinâmica populacional, confirmando que estamos vivendo um momento de transição demográfica. Aliado à queda das taxas de natalidade e mortalidade, tem-se verificado um aumento da população idosa no Brasil. Os motivos apontados são inúmeros, que vão desde avanços na medicina a supostas melhorias na qualidade de vida, que acarretam no aumento da expectativa de vida da população.

Em um artigo publicado recentemente GOMES (2010, pag. 70-72) mostra que no Brasil há um contingente de 19 milhões de idosos, resultando em 9,84% da população. De 1950 até 2008 a expectativa de vida do brasileiro aumentou dos 43,3 para os 73 anos. Mesmo assim, foi só em 2003 que os cidadãos acima de 60 anos tiveram seus direitos regulamentados no Estatuto do Idoso, aprovado após passar sete anos tramitando no Congresso.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade docudrama.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: beluiz@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 4º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: dianaxcoelho@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso Rádio e TV, email: gelpavan@gmail.com



Embora os dados demonstrem que o brasileiro tem vivido mais, não há garantias de que ele possui uma vida melhor. Muito são os questionamentos acerca dos serviços de saúde, não adaptados à demanda emergente desse novo perfil populacional.

"Temos certeza do elevado contingente de idosos que viverá mais tempo, mas paira uma incerteza sobre as condições de saúde, de renda e de cuidados dessa população. [...] Um outro desafio para a questão da política de saúde é o avanço da tecnologia médica. Se, por um lado, temos um segmento que quer fazer da juventude uma negação à morte, tem-se outro que se aproxima da morte com sofrimento e necessidades de cuidados físicos e emocionais." (CAMARANO, 2006, pag. 70-71)

Em virtude das debilidades naturais que o processo de envelhecimento traz e de serem poucos os espaços destinados à terceira idade, o idoso acaba muitas vezes imergindo em um cotidiano de preocupações que envolvem a saúde, lembranças e família. Esta última, muitas vezes ausente, vive em um mundo de imediatismo e produtividade cada vez mais distante do idoso, agravando o seu bem-estar. Sejam por fatores externos ou por sua própria forma de encarar os fatos, muitos idosos acabam resignando-se com sua vida e passam a encarar a velhice como a espera da morte.

Nesse quadro de poucas perspectivas, a religiosidade exerce papel fundamental. A crença de que a morte não é o fim da nossa consciência, preponderante no Brasil, acaba sendo uma forma de consolo para aqueles que se encontram insatisfeitos com sua situação.

Diante de todos esses aspectos, o documentário “Vivo” é um produto audiovisual que traz a possibilidade de repensarmos a situação da terceira idade nos dias atuais, compartilharmos um pouco do universo pessoal dos personagens inseridos no vídeo e promovermos uma reflexão acerca de como encaramos o processo de envelhecimento em nossa sociedade.

## **2 OBJETIVO**

Vivo teve como objetivo de trabalho analisar a oralidade dos idosos através de seus relatos, identificando o comportamento, opiniões relacionados as suas experiências de vida.

## **3 JUSTIFICATIVA**

### **Reflexões realizadas sobre a terceira idade antes de iniciar a produção audiovisual**



O idoso é sempre retratado na mídia como o “desamparado”. Infelizmente esta situação é real e gritante em nossa sociedade, no entanto, a população está enxergando o potencial da então considerada “terceira idade”. Este é um processo educacional lento, mas tomou grande impulso no Brasil quando a Lei de nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994 entrou em vigor.

A política nacional do idoso serve para impulsionar na conscientização e no respeito que todos devem ter pelo o grupo da terceira idade.

Para compreender um pouco o comportamento do idoso é preciso descrever sobre o funcionamento da memória. Segundo Izquierdo (2002), “memória é a aquisição, formação, conservação e a evocação de informações”. Muitas vezes escutamos: “esse velho não fala nada com nada” ou “este velho está caducando”. Os diversos tipos de memórias fazem parte da formação do ser humano. A memória pode ser sensorial, de curta duração, operacional, longa duração, episódica, entre outras. Cada uma tem sua função específica, porém a episódica está presente diretamente no idoso, que busca relatar lembranças marcantes que aconteceram em suas vidas.

Inúmeras são as vezes que, ao conversarmos com idosos, podemos notar suas carências ao falarem sobre episódios de suas vidas, como se as lembranças fossem revividas ao serem transmitidas para as outras pessoas. Essas lembranças também são vítimas do desgaste da memória, no entanto, serve como papel fundamental no estudo da oralidade e na forma de transmissão de conhecimentos para os mais jovens. Chegamos então na “arte” de contar histórias. Segundo Walter Benjamim no seu texto antológico “O Narrador” (1993 – pag.199), a arte de narrar é formado por dois tipos de narradores: o que vem de fora e narra suas viagens; e o que ficou, conheceu sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita.

O idoso necessita expor esse passado. Essa busca íntima pode mesclar muitas vezes o racional com o emocional, por isso é comum ver os idosos relatarem com tanta emoção seus momentos vividos. Como diria o escritor Rubem Alves (2006): “A saudade é nossa alma dizendo para onde ela quer voltar.”

A reportagem que nos impulsionou a realizar este documentário foi “A Casa dos Velhos”, matéria publicada no livro O olho da rua, de Eliane Brum (2008). A autora conta diversas histórias dos idosos, repletas de emoção, esperança e vida. Ao assumir o papel de ouvinte e narrador, Eliane se aprofunda nas histórias relatadas pelos idosos, tornando-se “íntima” das experiências transmitidas. Como nos apresenta Eclea Bosi “Entre o ouvinte e o



narrador, nasce uma relação baseado no interesse comum em conversar o narrado.” (BOSI, 2001, p. 90)

Essa troca de conhecimento ligada à experiência de vida sintetiza o quanto é enriquecedor para o ouvinte e fundamental para o orador. Enquanto continuarmos adotando uma postura distante da terceira idade, como se nossas histórias não estivessem conectadas, nunca descobriremos uma forma de crescer com seus relatos.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Os métodos utilizados nessa pesquisa basearam-se em observações preliminares, criação do problema, fundamentação teórica e coleta de dados.

As técnicas utilizadas foram entrevistas, dinâmicas, estudo de caso, livros e revistas.

#### **5 PROCESSO**

##### **O poder das palavras: relatos do processo de construção do documentário Vivo.**

O processo de criação do “Vivo” foi iniciado em dezembro de 2008 e finalizado em junho de 2009. Várias dúvidas foram aparecendo durante o processo, principalmente na questão de não ser mais um relato do idoso como o isolado da contemporaneidade. Em janeiro de 2009 o projeto escrito foi finalizado. Nele continha a apresentação do vídeo, orçamento e quais os principais objetivos. Iríamos mostrar as histórias de vida de alguns idosos, passando pela infância, adolescência, fase adulta e a “melhor idade”, trabalhando com questionamentos ligados ao comportamento, relação familiar, fé e esperança. Criamos um personagem ficcional que ligaria os temas abordado pelos idosos na narrativa documental.

No início de março vinculamos o projeto à disciplina de Linguagem Jornalística para Rádio e TV que nos deu embasamento para trabalhar com a oralidade. Aperfeiçoamos o projeto escrito e definimos uma idéia inovadora, pouco vista no meio acadêmico: convidamos alunos ingressantes para participar do vídeo. Queríamos o impulso criativo e interesse dos novos estudantes, misturados com a experiência adquirida dos veteranos.

Depois da definição do grupo, nos reunimos pela primeira vez para discutir e apresentar as propostas do documentário, além da divisão de tarefas e pré-produção. Algumas adaptações de roteiro foram realizadas e por fim a seleção das possíveis trilhas sonoras para a composição da linguagem musical do vídeo. Durante o mês de março e a primeira semana de abril foi realizada toda produção, desde a captação de recursos, o

estudo das locações e a observação dos personagens a serem escolhidos. Após esse processo inicial, as instituições escolhidas foram: Abrigo Deus e Caridade (Macaíba – RN) e Instituto Juvino Barreto (Natal – RN), além de alguns familiares dos produtores do vídeo.

A primeira instituição tinha um diferencial: todos os idosos estavam lá porque queriam. Já no segundo, dos 170 idosos do Juvino Barreto, muitos tinham sido abandonados. Dessa forma era possível coletar os mais diversos depoimentos, e assim, enriquecer os espectadores.

Durante esse tempo, realizamos a captação de recursos, baseada na ajuda de amigos e de algumas empresas que colaboram com material para a gravação das mais de 300 cópias produzidas. Além do apoio de uma câmera para as filmagens.

Todo o equipamento de gravação foi baseado em duas câmeras *handycam* (1 CCD e 3CCD's) e um microfone omnidirecional e duas câmeras fotográficas na captação de imagens para a parte gráfica e extras do DVD.

No mês de abril, no período da Semana Santa, realizamos as gravações no Abrigo Deus e Caridade. Passamos os três dias conversando e participando da rotina desses idosos. Nesse mesmo final de semana realizamos as filmagens da ficção, algumas cenas saudosistas e o encontro da atriz com a entrevistada. Além de uma avaliação e apreciação do material coletado para que os erros cometidos não fossem repetidos nas próximas filmagens.

Todos os entrevistados sentiram-se íntimos para contar sobre os momentos de suas vidas. A infância era retratada na maioria das vezes como um momento feliz de suas trajetórias. Segundo Francisco Linhares: *“a infância foi feliz, ao lado dos meus pais, no aconchego da fazenda.”* Para Dona Odete da Silva as lembranças de seus pais eram de mágoa: *“eles judiavam muito de mim, Deus os tenha.”*

O saudosismo era presente em todos os depoimentos. Um momento marcante foi Dona Iracema Costa cantando uma música que lembrava sua adolescência: *“a mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores, o mesmo jardim, tudo é igual, mas estou triste, se você não está perto de mim.”* (A praça – Ronnie Von)

Dona Odete da Silva conta que na sua adolescência ela era “medonha”. Dizendo que parou de estudar para namorar. O Senhor José Leônidas aproveitou sua juventude de forma “intensa”: *“não olhei para o dia de amanhã, me privei no presente, não me lembrei do futuro.”*

O depoimento do senhor José Macêdo foi uma grande surpresa para a construção do documentário, principalmente quando ele nos relatava com tanta serenidade os momentos



de sua mocidade. “*Velho só conta o que foi. No meu tempo de mais novo, era muito metido a namorador.*”

Era emocionante para todos falarem das saudades das pessoas que já faleceram, em especial, seus pais. “*O cara que não tem mãe, não tem nada na vida.*” (José Leônidas) Edvar Varela relata que o momento mais feliz da sua vida era quando ele tinha seus pais.

No último final de semana de abril fomos ao Instituto Juvino Barreto. Realizamos as entrevistas com os mais diversos perfis de idosos. No local, encontramos histórias fortes, de vivência sofrida e desrespeito. No entanto, não poderíamos mostrar essa situação devido à falta de autorizações dos responsáveis, bem como para não fugir da idéia central que era mostrar o idoso de forma lúcida, que sente medo, anseia e vive.

Conhecemos a Senhora Enny Dallila, que nos encantou pela singularidade e lucidez de suas palavras. Ela nos contou que seu maior sonho é não morrer asilada.

Transpor para o um documentário todos os relatos de vivência dessas pessoas é ser porta voz das experiências que precisam ser preservadas, principalmente como forma de aprendizado na construção do respeito mútuo. “*Quando a gente começa certo, dificilmente não vai até o fim certo. Quando a gente começa errado, seja o que for, dificilmente acerta.*” (Francisco Linhares)

Outros temas foram abordados pelos idosos, principalmente fé e esperança, afirmando a ânsia de viver que existe dentro deles. É a menina que existe dentro de um físico envelhecido, é o sorriso sereno ao deixar conselhos para os jovens, é quando José Leônidas canta: “*o que será o amanhã? Como vai ser nosso destino?*”

É preciso fazer uma ressalva que ambas as instituições nos acompanharam com a equipe de serviço social.

Na primeira semana do mês de maio fizemos a transcrição das mais de 13 horas gravadas. Ao mesmo tempo em que é enriquecedor, o trabalho mostrou-se exaustivo, já que o idoso conversa bastante e é minimalista ao relatar sua vida, como se fizesse uma busca profunda na memória. Relembrar todas as gravações, analisar os erros, definir quais falas deveriam entrar e perceber que a construção estava sendo realizada, é o fio condutor da narrativa do documentário participativo.

Durante as transcrições definimos a trilha sonora para que pudéssemos solicitar as devidas autorizações. Além da música “Vivo” do Lenine, utilizamos trechos da canção “O azul e o tempo” do Oswaldo Montenegro e uma trilha especialmente criada para o documentário: “Eu vivo” composta e interpretada pelo artista potiguar Julio Lima.



Em meados de maio foi dado início a edição. Aproveitamos o enriquecedor material coletado e vinculamos a mais duas disciplinas. Os “teasers” criados para a divulgação do documentário serviram para a disciplina Oficina de Texto IV e a trilha sonora “Eu vivo” proporcionou a criação de um vídeo clipe para a disciplina Linguagem Musical.

No início de junho realizamos três mostras para apresentar o material e ter um “feedback”. A primeira aconteceu com a equipe realizadora, a segunda com a orientadora Maria Ângela Pavan e a terceira com os assistentes sociais das instituições. Depois dessas exposições, fizemos alguns retoques de edição enquanto era produzida toda a parte gráfica para ser impressa, afinal, tínhamos conseguido mais 150 capas através de apoio.

O DVD completo, com o documentário, teasers, fotografias, vídeo clipe, making of, letterings, ficou pronto no segundo final de semana de junho, possibilitando o início a reprodução das cópias para o lançamento que aconteceria no mesmo mês.

O lançamento oficial do vídeo ocorreu em 21 de junho de 2009, possibilitando várias outras exposições no circuito acadêmico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nesse período retornamos as duas Instituições para a apresentação aos personagens principais, os idosos. No Instituto Juvino Barreto, participamos de uma oficina com as pessoas responsáveis pelo cuidado com os idosos. Foi incrível ver tanta gente emocionada com as histórias de vida dessas pessoas. De acordo com Thompson (1935, p.40), dar voz aos que são isolados da construção da história é necessário através da técnica da história oral, pois podemos devolver um lugar fundamental às pessoas que fizeram e vivenciaram a história, mediante suas próprias palavras. Nesse sentido, dar voz aos integrantes do asilo foi como acender a luz de suas histórias esquecidas.

O documentário tomou grande dimensão, sendo reconhecido, citado e elogiado pelos meios de comunicação, ultrapassando os limites acadêmicos e participando de mostras e festivais nacionais: Fest Natal, Curta Taquary, Curta Canoa, Gramado Cine e Vídeo, Festival de Cinema – Um novo olhar. Conseguimos também entregar em mãos uma cópia ao Lenine, responsável pela trilha sonora adaptada.

Os alunos do curso de Comunicação Social citam “Vivo” como um trabalho exemplar, que apesar da falta de equipamentos e de apoio, o projeto foi finalizado de forma criativa e responsável.

É gratificante saber que o documentário cativa as pessoas e as fazem pensar sobre o respeito que devemos ter com os idosos.



## 6 CONSIDERAÇÕES

Ao abrir um espaço para que as pessoas falem suas impressões do tempo e da história, pudemos perceber como a experiência audiovisual de captação da história de vida colabora para que os idosos sintam-se mais valorizados.

A voz de quem conta seus tempos e espaços para quem deseja ouvir é um exercício de elevar a história de um lugar. Se abirmos mais espaços como este, poderemos redesenhar a história de um lugar. Afinal, são as experiências cotidianas de pessoas comuns (e não a história que nos contam em livros) que fazem a história de um lugar. Este é um exercício de leitura crítica, pois tanto as entrevistas que abrem espaço para a conversa sobre a vida de cada entrevistado, quanto as lembranças que vem e chegam desta possibilidade, promovem reflexões sobre a vivência cotidiana.

"Los ciudadanos occidentales sufrimos una terrible deformación, un pavoroso empobrecimiento histórico que nos há llevado a um nivel nunca conocido de analfabetismo afectivo...sabemos sumar, multiplicar y dividir; pero nada sabemos de nuestra vida afectiva, por lo que seguimos exhibiendo gran torpeza em nuestras relaciones com los otros, campo em el que cualquiera de las culturas llamadas exóticas o primitivas nos supera com creces." (RESTREPO, 1994, p. 27)

O conjunto das falas contém as lembranças das décadas passadas, dos lugares onde trabalharam, da forma como se organizavam, encontravam e se relacionavam. Em cada vibração de lembrança percebe-se olhares longínquos, percepções da infância, do sabor, do olfato, e tudo entra no presente neste espaço depoimento. A câmera capta uma nova história.

Na busca das declarações da memória de velhos, foi possível notar um certo sentido de pertencimento nas narrações dos entrevistados, pois pode-se verificar que mesmo diante dos excessos das imagens cotidianas e com a grande capacidade de armazenamento das informações, as pessoas ainda conseguem falar e mostrar suas imagens do passado, que, de certa forma, contribuem para a própria reconstrução de sua história de vida e do ambiente cultural da nossa vida atual.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Se eu pudesse viver minha vida novamente**. São Paulo: Verus Editora, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e Política Ensaio sobre literatura e história da cultura Obras Escolhidas vol 1**. in *O Narrador Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* 197 – 221. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1993.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. São Paulo: Globo, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAMARANO, Ana Amélia. Mecanismos de Proteção Social para a População Idosa. In: **A População nas Políticas Públicas: gênero, geração e raça**. Brasília: CNPD: UNFPA, 2006

Estatuto do idoso consultado na WEB

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L8842.htm>. Acesso em 8 de janeiro de 2010.

GOMES, Donaldson. **Aumento da população de idosos amplia nichos de mercado de serviços na capital**. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/economia/noticia.jsf?id=1333955>. Acesso em 13 de janeiro de 2010.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Art Med, 2002.

RESTREPO, Luis Carlos. **El derecho a la ternura**. Bogotá: Arango Editores, 1994

THOMPSON, Paulo. **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.